

SUBSÍDIOS GEOGRÁFICOS PARA O ATLAS LINGÜÍSTICO DO MARANHÃO

Antonio Cordeiro Feitosa
Universidade Federal do Maranhão
Márcia Manir Miguel Feitosa
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: *Aborda-se a organização espacial do território maranhense, na perspectiva de sua inserção como elemento norteador da diversidade dialetológica, a partir da apropriação dos recursos naturais e ambientais pelo homem e da manifestação de suas referências à bagagem cultural, associada a processos migratórios recentes. Considerando a diversidade de paisagens que caracteriza o Maranhão, procedeu-se ao levantamento do corpus lingüístico mediante a amostragem de dados em municípios, selecionados com vistas a abranger, com relativo grau de confiabilidade, os aspectos geográficos dos diferentes sistemas ambientais.*

Palavras-chave: *Subsídios geográficos; Atlas lingüístico; Estado do Maranhão.*

ABSTRACT: *We approach the spacial organization of maranhense territory, in the perspective of its insertion as a directive compound of the dialetologic diversity, from the appropriation of natural and environmental resources by man and of the manifestation of its references to the cultural background, associated to recent migratory process. Considering the landscape diversity that characterizes the State of Maranhão, we proceeded to the raising of the linguistic corpus facing the sampling of data in towns, selected aiming to cover, with relative degree of trustfulness, the geographical aspects of different environmental systems.*

KEY WORDS: *Geographical subsidies, Linguistic Atlas, State of Maranhão.*

1 - Introdução

Abordagens sistemáticas de caráter dialetal no Brasil são relativamente recentes, haja vista que somente há meio século foi proposta a elaboração do primeiro atlas lingüístico nacional, empreendimento que não se concretizou.

Segundo Feitosa et al (2000), “as primeiras pesquisas no âmbito geolingüístico voltaram-se mais para a elaboração de atlas lingüísticos regionais, dada à grande extensão do país, ao difícil acesso às diferentes localidades selecionadas e a outras dificuldades que inevitavelmente surgiriam numa investida de cunho nacional”.

Relativamente ao Estado do Maranhão, as pesquisas na área temática da geolingüística foram iniciadas a partir dos anos setenta do século XX, merecendo destaque os trabalhos de Vieira Filho (1979), Azevedo et al (1980) e Melo et al (1986). Com certa tristeza, lamenta-se que tais iniciativas tenham sofrido solução de continuidade até o ano 2000 quando, como eco dos esforços empreendidos para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB, uma nova equipe de estudiosos do Maranhão assumiu o desafio de realizar estudos para a elaboração do Atlas Lingüístico do Maranhão – ALiMA.

Com proposta diferente da que norteou os estudos iniciais e seguindo a tendência da interdisciplinaridade, referendada pelas atuais concepções de pesquisa científica, a proposta de trabalho da equipe responsável pelo projeto ALiMA adota uma metodologia pautada na

seleção de pontos de amostragem para a coleta de dados, apoiada no conhecimento mais aprofundado das características do meio físico e da realidade socioeconômica, não valorizando apenas a divisão regional do espaço maranhense segundo critérios gerais, como são realizados os zoneamentos e as regionalizações de cunho político e mesmo econômico.

2 – Aspectos geográficos do Maranhão

A abordagem geográfica compreende toda a diversidade de elementos que compõem a paisagem, sejam de ordem natural, seja humanizada. Como elementos naturais, são considerados os fatores ambientais internos, abióticos e bióticos, como: geologia, relevo, clima, fauna, flora, hidrografia, solos e o homem, compreendendo as atividades dos seus agentes na realização de suas funções próprias e enquanto agentes modeladores dos diferentes meios geográficos. Como fator externo, o Sol é o principal responsável pela dinâmica destes meios, proporcionando a energia necessária para suas ações e transformações.

Os elementos naturais da paisagem maranhense configuram um aspecto de transição entre as paisagens das regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte, com significativas variações de frequência e magnitude dos parâmetros físicos ao longo do ano, delineando o caráter sazonal expresso pela ocorrência de dois períodos distintos, bem diferenciados, um seco e outro chuvoso, cuja transição é facilmente identificada.

A sazonalidade que se evidencia no cenário ambiental maranhense interfere, diretamente, no comportamento dos elementos naturais da paisagem e nas atividades humanas em particular, propiciando ou dificultando a produtividade primária e o desempenho da produção do meio rural, condicionada aos recursos ambientais.

No que concerne aos recursos ambientais naturais, apesar da diversidade de paisagens, o Maranhão é um estado de grande potencial econômico. Possui solos com fertilidade natural média a alta em quase todo o território, reservas florestais de grande importância no cenário brasileiro, clima favorável às atividades humanas, com abundantes reservas hídricas e excelente salubridade, além de relevo favorável. Poucas regiões do estado apresentam restrições à ocupação humana. Quanto aos recursos ambientais humanos, apenas as cidades pólos de desenvolvimento possuem potencial compatível com as perspectivas de desenvolvimento econômico apregoadas pelos seus governantes e por suas lideranças empresariais. Nas regiões distantes destes pólos, simplesmente não há perspectivas e, para esta compreensão, basta que se considerem, com seriedade, os indicadores do desenvolvimento humano e seus parâmetros correlatos.

Segundo Feitosa et al (2000, p. 11), “a ocupação dos espaços naturais, pelo homem, ocorreu lenta e continuamente, marcada pelos métodos primitivos de cultivo e exploração da natureza. Dos aborígenes, primeiros habitantes da terra maranhense, restam poucos grupos ainda autênticos em suas tradições, mas ocupando áreas significativas do Estado”, e a colonização européia impôs mudanças drásticas nas relações do homem com o meio físico.

Principiada com grupos de europeus, africanos e asiáticos, a imigração continuou com a chegada de brasileiros dos mais diferentes rincões do país e pelos motivos mais diversos. Aqui se fixaram, inicialmente, franceses, portugueses, holandeses, africanos, sírios, libaneses e japoneses, seguidos de piauienses, cearenses, paraibanos, pernambucanos, potiguares, sergipanos, baianos, capixabas, cariocas, mineiros, paulistas, paranaenses, catarinenses, sul-riograndenses e goianos.

A ocupação do território atende a injunções geográficas determinadas pelas limitações impostas pelo meio físico, em duas frentes: a primeira desencadeada pelos imigrantes estrangeiros, iniciada a partir de São Luís, povoou a planície, o litoral e os baixos vales dos rios Itapecuru e Mearim, onde desenvolveram cultivos de cana-de-açúcar, arroz e algodão, e a segunda, oriunda dos estados nordestinos, principiou pelos altos vales e chapadas do sul do Estado, onde desenvolveu a pecuária e a agricultura de subsistência.

Mesmo após consolidada a ocupação do território, o rigor das condições geográficas impunha grande isolamento entre os habitantes do norte e do sul maranhense. Os primeiros continuaram fortemente vinculados à capital, tanto pelas facilidades de acesso, como pelas relações comerciais e de parentesco e os últimos, não dispondo dessas mesmas facilidades, fortaleceram vínculos com bases de apoio nos estados vizinhos, notadamente as cidades de Parnaíba e Florianópolis, no Piauí; Araguaína e Anápolis, em Tocantins e Goiás e Bragança e Belém, no Pará.

As bases de apoio para o abastecimento dos primeiros grupos de brasileiros significaram forte intercâmbio cultural com relações de influência e dependência que modelaram os parâmetros lingüísticos, fato que não se configurou com os imigrantes recentes, particularmente os oriundos do Sudeste do Sul, que mantiveram os vínculos com as origens apoiados nos meios de comunicação.

Os imigrantes do sudeste e do sul do Brasil diferenciam-se dos nordestinos pelo volume de capital e pelo alto nível tecnológico empregado no trato com a terra, para a produção de soja e de outros produtos em larga escala, ou nas atividades industriais e de serviços.

As interações entre os diferentes grupos de imigrantes produziram, no território maranhense, um cenário multifacetado de manifestações culturais que confere peculiaridades dialetológicas a zonas específicas do estado. Para abranger toda esta diversidade de padrões lingüísticos, o Comitê Nacional do ALiB selecionou 08 municípios para a pesquisa que subsidiará o Atlas Lingüístico do Brasil: Alto Parnaíba, Bacabal, Balsas, Barra do Corda, Brejo, Imperatriz, São João dos Patos e São Luís. Com o propósito de elaborar o ALiMA, a equipe local julgou necessária a inclusão de mais 07 municípios: Carolina, Carutapera, Maracassumé, Pinheiro, Raposa e mSanta Luzia do Tide, dada a extensão territorial do estado e sua diversidade regional. Sobre esses municípios foram considerados os seguintes parâmetros geográficos: localização, limites, dados históricos, população e principais atividades econômicas.

Os municípios de Alto Parnaíba, Balsas, Barra do Corda, Imperatriz, São João dos Patos e Carolina localizam-se em área de relevo elevado, modelado por amplos vales recortados por chapadas e chapadões, compreendendo os altos cursos dos rios que demandam ao litoral. Imperatriz, Balsas e Barra do Corda despontam como pólos de desenvolvimento regional. As atividades econômicas destes municípios, originalmente baseadas na agricultura e na pecuária de subsistência, atualmente são marcadas pelos cultivos intensivos onde predomina a soja. Em Imperatriz há significativo parque industrial, notadamente de móveis e couros.

Os municípios de Carutapera, Raposa e São Luís são cidades costeiras. Carutapera tem sua economia baseada na pesca e na agricultura de subsistência, Raposa, na pesca e São Luís polariza a função administrativa de capital do estado, possuindo, também, forte base econômica comercial e industrial.

Os municípios de Bacabal, Brejo, Maracassumé, Pinheiro, Santa Luzia do Tide ocupam áreas da planície, na transição entre a zona costeira e o planalto. Embora Bacabal e

Pinheiro sejam pólos de desenvolvimento regional, todos apresentam economia de transição entre o emprego de técnicas primitivas e a introdução de técnicas modernas.

Relativamente aos dados demográficos, uma visão do conjunto pode ser depreendida pela análise dos dados da distribuição por sexo e pela residência nas zonas urbana e rural (Tabela 1). Os municípios de São Luís, Imperatriz, Caxias, Bacabal e Barra do Corda figuram entre os mais populosos e com maior índice de urbanização. Quanto à distribuição por sexo, apenas o município de Barra do Corda possui maior número de mulheres, ainda com diferença insignificante.

Dentre os municípios menos populosos, destacam-se Alto Parnaíba, Maracassumé e Raposa, estes dois últimos emancipados recentemente. Alto Parnaíba é o mais antigo e o que possui menor índice de urbanização, provavelmente por ter se mantido isolado desde sua fundação. Maracassumé possui maior índice de urbanização que deve estar associado ao fato de ser servido por rodovia federal. O município de Raposa conta apenas com 4 anos de emancipação e apresenta forte tendência à urbanização por gravitar em torno de São Luís. Quanto à distribuição por sexo, todos possuem maior contingente de população masculina, salientando-se o fato de haver significativo equilíbrio ente ambas.

Os municípios de maior e menor índice de urbanização são, respectivamente, São Luís e Santa Luzia do Tide. O índice apresentado por São Luís é facilmente compreendido, pois a sede é a capital do Estado e concentra as condições favoráveis ao alcance de tais resultados. Quanto a Santa Luzia do Tide, o município não é muito velho mas é servido por rodovia federal de tráfego intenso, fato altamente estimulante do crescimento urbano. Somente uma análise mais detalhada das características locais pode indicar as causas da inibição do crescimento urbano.

TABELA 1– Distribuição da população dos pontos amostrais, por sexo e por idade e urbana e rural.

Município	Total	Homens	Mulheres	Urbana	Rural
Alto Parnaíba	10.174	5.203	4.971	6.038	4.136
Bacabal	91.823	44.052	47.771	71.408	20.415
Balsas	60.163	29.831	30.332	50.144	10.019
Barra do Corda	78.147	39.648	38.499	43.412	34.735
Brejo	27.513	13.976	13.537	10.656	16.857
Carolina	23.991	12.037	11.954	14.362	9.629
Carutapera	18.624	9.693	8.931	13.121	5.503
Caxias	139.756	67.914	71.842	103.485	36.271
Imperatriz	230.566	110.947	119.619	218.673	11.893
Maracassumé	14.866	7.577	7.289	12.691	2.175
Pinheiro	68.030	33.398	34.632	38.186	29.844
Raposa	17.088	8.772	8.316	11.370	5.718
Santa Luzia do Tide	69.271	35.399	33.872	21.264	48.007
São João dos Patos	23.182	11.384	11.798	18.817	4.365
São Luís	870.028	406.400	463.628	837.584	32.444

Fonte: www.ibge.gov.br/

3 – Conclusão

O Estado do Maranhão é o segundo mais extenso da Região Nordeste do Brasil e seu território apresenta uma das maiores diversidades de paisagem da região. Seu povoamento foi marcado pela imigração de grupos populacionais de diferentes continentes e de todas as regiões do Brasil. Como resultado, registra-se, em seu interior, a assimilação e a manifestação das características de todas as culturas dos seus povoadores, o que sugere o grau de complexidade dialetológica do Estado. Sob este prisma, salienta-se a importância do conhecimento da geografia do Maranhão para a explicação do falar maranhense autêntico, haja vista a grande parcela da população ainda condicionada ao determinismo geográfico.

A elaboração do Atlas Lingüístico do Maranhão contemplará toda esta complexidade com a distribuição dos pontos propostos. Com relação ao total de municípios do Estado, a amostra de 15 pontos não é, estatisticamente, significativa. Contudo, é espacialmente representativa do falar maranhense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A situação da Geografia lingüística do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard. (Ed.) *Pesquisas lingüísticas em Portugal e no Brasil*. Madrid: Iberoamericana, 1997. Cap. 5, p. 79-97.
- AZEVEDO, Ramiro; VIEIRA, Maria do Socorro M.; MELO, Elenice Bezerra. *Antropolinguística: Raposa*. São Luís: SIOGE, 1980. 81 p.
- FEITOSA, Antonio Cordeiro, RAMOS, Conceição de Maria de Araujo, MENDES, Jeanine Silva, BEZERRA, José de Ribamar Mendes, FEITOSA, Márcia Manir Miguel e SILVA, Teresinha de Jesus Baldez e. O Atlas Lingüístico do Maranhão: um projeto em desenvolvimento. *Cadernos de Pesquisa*. São Luís: Edufma, 11(2): jul/dez. 2000. p. 09-20.
- FERREIRA, Jurandir Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. v. 3, p.116-125.
- MELO, Elenice Bezerra; AZEVEDO, Ramiro Corrêa e VIEIRA, Maria do Socorro M. O falar da Zona dos Cocais. *Cadernos de pesquisa*. São Luís. v. 2, nº 2. p. 53-85, jul./dez. 1986.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico de 2000*. 1996. Rio de Janeiro, 2001.
- _____. *Resultados relativos a sexo da população e situação da unidade domiciliar*. Contagem da população, Rio de Janeiro, 2001.
- REIS, J. R. S. dos. *Raposa: seu presente, sua gente, seu futuro*. São Luís, 1998, 247 p.
- VIEIRA FILHO, Domingos. *A linguagem popular do Maranhão*. 3 ed. ampliada. São Luís: s/e. 1979. 105 p.